



ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

*WINE TOURISM IN THE SOUTHERN BORDER OF RIO GRANDE DO SUL: A
TOURISM DEVELOPMENT POLE*

*ENOTURISMO EN LA FRONTERA SUR DE RIO GRANDE DO SUL: POLO DE
DESARROLLO TURÍSTICO*



Pedro de Alcântara Bittencourt César – IFSP – Campos do Jordão *1

Submetido em: 08/11/2024
Aprovado em: 04/02/2025
Avaliado em pares
Editor: Izac Bonfim

RESUMO

Destacar novas áreas de produção vitivinícola e associadas às práticas de enoturismo. Desta maneira, estuda-se as regiões da Campanha e do Vale do Rio Pardo, no sul do Rio Grande do Sul. Essas com características históricas e econômicas distintas das comumente referenciadas pela vitivinícola gaúcha. São áreas territoriais, com uma cultura agrária baseada na pecuária, que se qualificam na nova produção, vitivinícola e para a visitação. Nesta pesquisa, objetiva-se identificar potencialidades e debilidades da atividade de enoturismo no recorte geográfico citado. Assim, parte-se da questão norteadora: a existência de uma região e, especificamente, de localidades que sustentam a possibilidade para a formação de um polo regional de desenvolvimento da atividade de enoturismo. O percurso metodológico se faz, com pesquisa em referenciais teóricos acerca de teorias regionais e de desenvolvimento regional econômico, geográfico e turístico. Essas são confrontadas com dados secundários levantados por órgãos oficiais acerca da problemática. Soma-se a trabalho de campo com observação direta nas unidades produtoras e juntos dos agentes nos municípios. Assim, observa-se como característica uma série de debilidades e possibilidades para a estruturação da atividade na região da Campanha. Sua superação possibilita a formação, principalmente, de um polo de enoturismo.

Palavras-Chave: Planejamento Turístico; Enoturismo; Desenvolvimento Regional; Região da Campanha; Rio Grande do Sul.

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

ABSTRACT

Highlighting new viticultural production areas linked to wine tourism practices. This study focuses on the Campanha and Vale do Rio Pardo regions in southern Rio Grande do Sul, which have historical and economic characteristics distinct from those typically associated with Gaúcho viticulture. These are territorial areas with an agrarian culture traditionally based on livestock farming, now transitioning into viticulture and tourism-oriented production. This research aims to identify the potential and challenges of wine tourism in the specified geographic area. The guiding question is whether this region—and specific localities within it—can support the formation of a regional hub for wine tourism development. The methodological approach combines theoretical research on regional theories and economic, geographic, and touristic regional development, contrasted with secondary data from official sources. Fieldwork with direct observation at production units and interviews with local stakeholders complements the analysis. The study reveals a series of challenges and opportunities for structuring wine tourism in the Campanha region. Addressing these challenges could enable the establishment of a wine tourism hub.

Keywords: *Tourism Planning; Wine Tourism; Regional Development; Campanha Region; Rio Grande do Sul.*

RESUMEN

Destacar nuevas áreas de producción vitivinícola asociadas a prácticas de enoturismo. Este estudio se centra en las regiones de Campanha y Vale do Rio Pardo, en el sur de Rio Grande do Sul, cuyas características históricas y económicas difieren de las comúnmente atribuidas a la viticultura gaúcha. Son zonas con una cultura agraria tradicionalmente basada en la ganadería, que ahora se están reconvirtiendo hacia la viticultura y el turismo. La investigación busca identificar el potencial y las debilidades del enoturismo en el área geográfica mencionada. La pregunta central es si esta región—y localidades específicas dentro de ella—puede sustentar la formación de un polo regional de desarrollo enoturístico. La metodología combina marcos teóricos sobre desarrollo regional económico, geográfico y turístico, contrastados con datos secundarios de organismos oficiales. Se incluye trabajo de campo con observación directa en unidades productivas y entrevistas a actores locales. El estudio identifica desafíos y oportunidades para estructurar el enoturismo en la región de Campanha. Superar estos desafíos podría permitir la consolidación de un polo enoturístico.

Palabras clave: *Planificación Turística; Enoturismo; Desarrollo Regional; Región de Campanha; Rio Grande do Sul.*

Como Citar (APA):

Bittencourt Cézar, P. A. (2025). Enoturismo na fronteira sul do rio grande de sul: polo de desenvolvimento turístico. *Ateliê do Turismo*, 9 (1), 1-19, <https://doi.org/10.55028/at.v9i1.22233>

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

INTRODUÇÃO

Há um século, o Rio Grande do Sul se destaca como importante produtor vitícola e vinícola. Nesta condição, tem se consolidado como destino para a prática de enoturismo. Embora esta realidade se consolide na região Nordeste do estado, reconhecida como Serra Gaúcha, observa-se que, nos últimos anos, novas áreas de plantio de uva no estado.

Estuda-se novas fronteiras agrícolas vitíferas. Assim, destaca-se a produção em municípios nas regiões da Campanha e do Vale do Rio Pardo. Especificamente, os municípios em estudo, com exceção de Encruzilhada do Sul, são fronteiriços com a Argentina e o Uruguai: Itaqui, Uruguaiana, Santana do Livramento, Dom Pedrito, Bagé e Candiota. Embora se reconheça a produção da uva em outras localidades, a escolha recai no recorte estabelecido na identificação de localidades com práticas de enoturismo, conforme exposição turística das mesmas.

Ainda que a pesquisa tenda a avaliar as respectivas atividades como força de regionalidade, sabe-se que o desenvolvimento regional visa a dinamização de outras variáveis específicas. Normalmente, ligadas pela dinamização de uma respectiva economia, assim, sua identificação pode ser feita das mais diversas maneiras e com a expectativa de um leque de resultados possíveis. Neste panorama, este estudo tem como cenário ideal a possibilidade de consolidação regional da atividade de enoturismo como oferta derivativa do setor vitivinícola. Panorama esperado com mudanças e conquistas sociais, além das econômicas, não serão trabalhadas neste estudo. Estudam-se as características geográficas estruturais para a qualificação regional como polo de enoturismo do Rio Grande do Sul.

ELABORAÇÃO TEÓRICA E BIBLIOGRÁFICA

Na revisão literária, apresentam-se referenciais teóricos que contribuem para a compreensão da problemática. Nesse contexto, torna-se relevante expor alguns valores conceituais acerca do desenvolvimento turístico e sua abordagem territorial, enquanto instrumento de desenvolvimento e formação de polos turísticos. A Teoria do Espaço Turístico (Boullón, 2015) soma-se como ferramenta metodológica para o reconhecimento hierárquico, baseado em demandas, equipamentos e atrativos. Esses referenciais convergem para a formulação do objeto concreto, definido regionalmente pela agregação dos municípios em estudo - os quais são avaliados quanto ao seu potencial de contribuição para a qualificação de um polo de desenvolvimento de enoturismo.

Inicia-se a revisão avaliando o acervo do Centro de Planejamento e Desenvolvimento Regional (Cedepar) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Material disponibilizado pelo centro de pesquisa e possibilitando uma ampla literatura acerca de desenvolvimento regional. No material, destaca-se um arcabouço teórico de experiências no mundo e de questões específicas no Brasil. Entretanto, observa-se que somente a França e a China dão destaque à questão do turismo. No primeiro, Diniz (2004) apresenta a experiência exitosa, após a Segunda Guerra, de desenvolvimento regional ao implantar um turismo regional na costa mediterrânea no país. Na China, Ruiz (2004) aponta o turismo como atividade associada ao desenvolvimento regional ao indicar áreas

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

qualificadas para polos turísticos. Destes estudos, no Brasil, pode ser avaliada em César (2014) uma maior referência ao projeto do governo francês.

O desenvolvimento turístico implica na maximização das atividades nos seus respectivos territórios. Nesta condição, pensa-se tanto no potencial físico como no social e no econômico das sociedades diretamente envolvidas. Afinal, como reforça Brandão (2009, p. 169): “O território é unidade privilegiada de reprodução social, denominador comum, desembocadura, encarnação de processos diversos e manifestações de conflitualidade”. Essa condição é mais intensa no turismo que se destaca como atividade eminentemente espacial e tendo o território como recurso e produto.

Pensa-se, inicialmente, na especificidade que qualifica o objeto estudado, como recorte e subjetividade do espaço. Define-se uma porção de território que será avaliado e definido por suas conectividades possíveis, esse não necessariamente definido por uma área continua, mas que tenha interações diversas (sociais, institucionais, econômicas, culturais) que justifique como qualificação entre rede. “Deve-se enfatizar nesse quadro a presença de dois princípios distintos, mas complementares [...]: o princípio da homogeneidade ou uniformidade e o princípio da coesão regional (funcional, neste caso)” (Haesbaert, 2010, p. 47). Nesta condição, remete-se ao conceito de região, que sustenta o seu escopo como objeto concreto, e que possibilita sua avaliação como possível polo de atrações tendo em vista sua maximização na sustentação como recurso para a atividade de visitação, “abrangendo a integração econômica e o desenvolvimento das regiões” (Benko, 2009, p. 115).

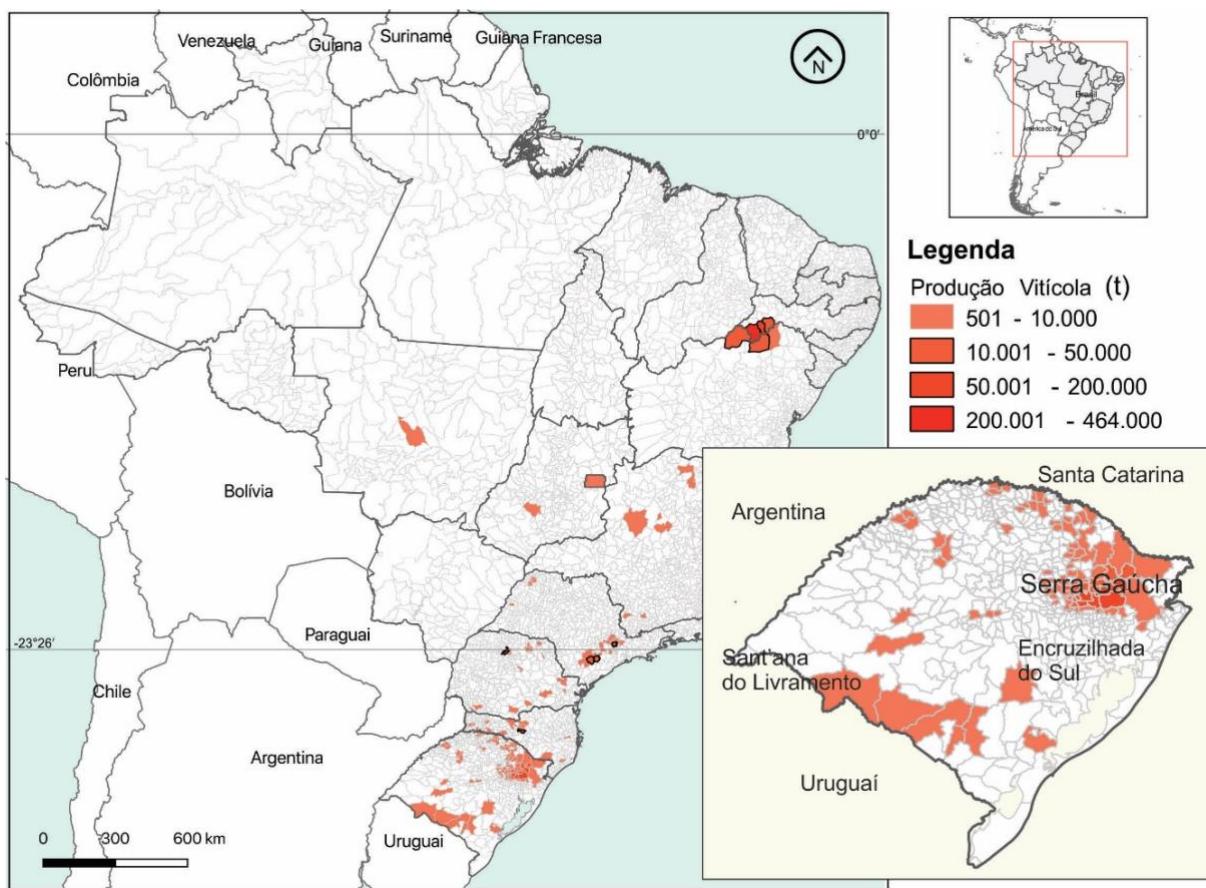
Tem-se, neste momento, o reconhecimento da dimensão trabalhada, que identifica o objeto na definição das localidades (cidades) turísticas. Realidade funcional possível na sua qualificação como cenário ideal como polo de desenvolvimento turístico. Situação que indica no reconhecimento do sujeitos definidos na pesquisa e que contribuem na formulação das forças superestruturais que colaboram para a qualificação das possibilidades do Estado e como agentes econômicos e sociais envolvidos.

No Brasil, Petrocchi (2001), Tomazzoni (2009), Vieira Santos (2013), César (2018), entre outros, têm estudado a questão do turismo regional. Este aspecto é fundamental para o entendimento de polo de desenvolvimento regional. Sabe-se que a definição de polos de desenvolvimento está associada a uma formação ótima econômica e territorial em um respectivo local. “A concentração de empresas em uma região, despertando interação e cooperação, ocorre ao longo da história e em diversas partes do mundo, ocasionando o surgimento dos polos (*clusters*) de crescimento econômico” (Petrocchi, 2001, p. 37). Neste contexto, pensa-se na inserção de polos vitivinícolas a partir do reconhecimento de regiões produtoras de uvas no Brasil e seu desdobramento com a inserção da atividade turística. A Figura 1 faz a indicação da distribuição da produção vitícola nacional, com destaque ao Rio Grande do Sul.

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

Figura 1

Distribuição da produção vitícola nacional – 2019



Fonte: Elaborada pelo autor (2023).

Desta maneira, torna-se possível observar na Figura 1 a distribuição predominante das áreas de produção de uva no País. Entre elas, evidencia-se a existência da produção deste fruto no sul do estado do Rio Grande do Sul, qualificando a possibilidade de formação de um polo vitivinícola, questão norteadora sustentada nesta pesquisa.

Outra questão refere-se na maneira de identificação das localidades como produto turístico. Assim, esta pesquisa identifica e confronta os municípios por análise quanto ao seu valor na Teoria do Espaço Turístico (Bouillon, 2019). Nela, desenvolve-se uma taxionomia que se pode direcionar os territórios turísticos em três grupos de valores referentes à sua composição hierárquica na atividade das localidades. Nessa qualificação, pode-se definir a distribuição do território por categorias diversas que, inclusive, podem se sobrepor. Quanto ao aspecto de agrupamento por regionalidade, a zona turística é de maior valor hierárquico atribuído. Subsequente, com qualificação menor e com caráter também aglutinador, pode-se identificar a área turística e o complexo turístico.

Um segundo grupo qualifica as localidades. A de maior valor hierárquico é identificada como Centro Turístico. As outras se identificam, respectivamente, segundo o número de atrativos, equipamentos turísticos e demanda, como Unidades Turísticas, Núcleos

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

Turísticos e Conjuntos Turísticos, sendo essa última a de menor impacto na atividade turística. Finalmente, pontuam-se os Corredores Turísticos ao configurá-los como formação linear, conectados à localidade turísticas ou entre essas e os pontos emissores. Esses podem se sustentar por outras demandas turísticas e também se desdobram por suas especificidades (Boullón, 2015). Porém, é importante observar que a respectiva teoria se distancia de uma abordagem elaborada por uma ciência (Geográfica) crítica que pode qualificá-la e somar por esse aporte (Santos, 2004).

Sabe-se que o entendimento das condições geográficas (físicas e sociais), ou seja, das lógicas e dos processos de apropriações espaciais, são valores fundamentais na prática do enoturismo. Na qualificação do produto vinícola, somam-se condições específicas em termos de *terroir* e de indicação geográfica da produção vitivinícola (Jeziorny, 2009). Também podem ser associadas as inúmeras qualidades vinculadas às condições dos territórios, como da especificidade da qualidade da uva e do alcance locacional das vinícola. Somam-se as questões que definem condições específicas visuais, compreendidas na paisagem, entre outras questões caras para o turismo.

Assim, caracteriza-se o enoturismo como uma atividade e/ou um segmento do turismo. Porém, os municípios estudados, com exceção de Encruzilhada do Sul, estão localizados nas fronteiras do estado do Rio Grande do Sul. Neles, suas semelhanças recaem à presença de área de produção vitífera, embora não seja a atividade predominante. Nota-se que toda esta parte Sul do estado tem sua história marcada com a formação de latifúndios (estâncias) para a produção bovina. Atualmente, outras produções são marcantes como a rizicultura. No Município de Encruzilhada do Sul tem se despontado a produção de oliveiras e, respectivamente, de azeitonas e azeites.

METODOLOGIA

Na pesquisa, buscou-se reconhecer um panorama geral dos municípios analisados (Itaqui, Santana do Livramento, Uruguaiana, Bagé, Dom Pedrito, Candiota e Encruzilhada do Sul) como produtores vitícolas e vinícolas, avaliando suas práticas de enoturismo. A escolha dessas localidades baseou-se em material turístico que destacava a formação de uma associação entre elas para a prática de visitação em vinícolas, além da aprovação prévia do estudo pelo governo do estado.

No percurso metodológico adotado, considerou-se que "la metodología puede servir de guia por la forma específica de realizar el trabajo (es decir, la aplicación de los diversos métodos y técnicas de investigación) dependerá de cada situación concreta" (Soriano, 1998, p. 49). Dessa forma, partiu-se do pressuposto teórico da identificação de literatura sobre desenvolvimento regional territorial e turístico, bem como da formação de áreas com práticas de visitação sustentadas em valores urbanos e regionais. Destacou-se também literatura que definia o objeto concreto da análise por meio dos processos de formação da atividade, reforçando suas posições físico-geográficas e identificando debilidades e possibilidades para o enoturismo. Verificou-se que o enoturismo nessas localidades apresentava-se em escala reduzida em comparação a outras atividades econômicas existentes.

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

Inicialmente, realizou-se pesquisa bibliográfica para compreender como se formaram o cultivo de uva e a produção de vinho na região sul do Rio Grande do Sul, especialmente nas regiões da Campanha e do Vale do Rio Pardo. Na caracterização, buscou-se identificar sua formação social, cultural e territorial, bem como as associações com os atores envolvidos no processo vitivinícola. Reconheceu-se que esses fatores constituíam condições essenciais para a implantação turística associada a essa produção.

Complementou-se o estudo com o levantamento de dados secundários de órgãos oficiais como o Ministério do Turismo (MTur), Ministério da Agricultura (Mapa), IBGE, mapas rodoviários (DAER-RS), Departamento Nacional de Aviação Civil (DNAC) e Universidade Federal do Pampa (Unipampa). Essas informações contribuíram para a definição hierárquica das localidades, evidenciando seus valores tanto intrarregionais quanto globais.

O material teórico foi confrontado com observações diretas nas localidades estudadas. Posteriormente, estabeleceu-se uma taxonomia para retratar seus valores locais, mediante intenso trabalho prático de inventário turístico. Adicionou-se a isso o levantamento de dados cadastrais do Cadastur (MTur) e informações de órgãos municipais e federais. Resultou-se na categorização hierárquica dos municípios, utilizando a metodologia do governo federal (Brasil, 2022) em diálogo com a Teoria do Espaço Turístico (Boullón, 2015).

Ressaltou-se que a pesquisa de campo ocorreu entre dois períodos de catástrofes ambientais no Rio Grande do Sul (2023 e 2024), contexto atípico que, na perspectiva do pesquisador, impediu a consideração de dados quantitativos e qualitativos desses eventos.

Incluíram-se entrevistas formais e informais com servidores e funcionários dos setores turísticos e vinícolas visitadas, seguindo o princípio de que "este tipo de investigación se diferencia también porque debe seguir un procedimiento sistemático que atiende a unos objetivos de investigación concretos" (Rojas, 2007, p. 121). No trabalho de campo, foram observados dados caracterizadores dos empreendimentos de enoturismo e das localidades, além de informações sobre condições rodoviárias, oferta hoteleira, alimentação e outros equipamentos turísticos (Gomes, 2013).

Propôs-se neste estudo, estimulado pelo governo do Rio Grande do Sul, incorporar análises menos ortodoxas, como a valorização da perspectiva do pesquisador. Assim, observaram-se: a produção vinícola; demanda e oferta de equipamentos de visitação; estruturas institucionais; posicionamento físico-territorial; e acessibilidade terrestre/aérea.

Por uma perspectiva weberiana, analisaram-se as localidades, considerando que "A imperiosidade de referência para o planejamento levou-me a construir alguns tipos ideais [...] metodologia que remonta a Max Weber [...] abalada com os impactos da economia globalizada em redes" (Yázigi, 2009, p. 56). Essa abordagem permitiu confrontar oportunidades e fragilidades, avaliando municípios individualmente ou agrupados. Definiu-se assim a situação concreta, utilizando também georreferenciamento em QGIS para análise cartográfica das áreas produtoras,

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

cruzando representações com teorias regionais de formação de polos de desenvolvimento (Diniz & Crocco, 2006).

Formação de área vitivinícola no sul do Estado

O histórico do plantio da uva e da produção de vinho nas terras do Sul remonta ao início da ocupação europeia no continente Sul-americano. Embora esta cultura não tenha sido desenvolvida como mercadoria de exportação como outros produtos, como o ouro, a prata, a extração florestal e a cana de açúcar, a uva esteve presente, em escala reduzida e para atender as necessidades religiosas e sociais dos assentados.

Relata-se que o religioso Roque Gonçales, em 1626, plantou as primeiras videiras em terras que posteriormente se tornaram o Rio Grande do Sul. Esse Jesuíta, nascido em Buenos Aires, esteve na frente do projeto contra reformista das Missões Jesuíticas-Guaraníticas de São Nicolau. Essas terras, na ocasião, pertencia ao Império Espanhol e essa “vitivinicultura não obteve desenvolvimento” (Manfio, 2018, p. 59) posterior.

Em terras da América Portuguesa, no ano de 1732, são plantadas mudas de uvas. Posteriormente, em 1824, chegaram outras castas com a colonização alemã (Santos, 2017). Assim, nas áreas do Pampa, ou seja, da Campanha: “A produção de uva [...] começou em áreas pontuais com os jesuítas no século XVII e com os portugueses no século XVIII” (Flores, 2011, p. 49). Outro fato que agraga a história vitivinícola se dá em 1890, com a vinda do italiano João Remedo ao Brasil. Este compra uma pequena propriedade, em Santana do Livramento, e implanta uma pequena vinícola. Entretanto, seu legado não persiste após sua morte, em 1924 (Brenner & Castro, 1986; Flores, 2011).

Marca-se nessa região, segundo Manfio (2018), a influência do Uruguai. Produtores deste país vizinho, desde os anos de 1880, estabelecem-se em Bagé, Dom Pedrito, Alegrete e Uruguaiana e adotam o sistema de condução da uva por espaldeira. No povoado Seival, localizado no atual Município de Candiota, estabelece-se a cantina familiar Marimon (Gonçalves, 2016). Esta família, de origem italiana, migrou inicialmente para o Uruguai e finalmente para o Brasil, em 1888 (Manfio, 2018). Desta maneira, nestas terras, foi constituída a vinícola Seival Estate e produzidos os vinhos com a marca Quinta do Seival, finalmente adquirida pelo Grupo Miolo, que hoje tem vinhedo neste local (Manfio, 2018).

A partir de estudos de técnicos na década de 1970, foram identificadas “características edafoclimáticas favoráveis na região, que atraíram a atenção e investimentos, predominantemente estrangeiros, aliados a iniciativas de empresas da Serra [Gaúcha]” (Flores, 2011, p. 15-16). Assim, entre os anos de 1974 e 1976, uma pesquisa liderada por Harold Olmos e realizada entre as Universidade de Davis, Universidade Federal de Pelotas e a Secretaria de Agricultura do Rio Grande do Sul determinou as qualidades para o plantio de uva na região da Campanha. Descobre-se que: “O Pampa Gaúcho é considerado um dos melhores locais do País para produção de uvas e vinho” (Cassol et al., 2011, p. 2). Determinava, assim, fatores físicos e condições edafoclimáticas para a produção da uva na região (Flores, 2011; Manfio, 2018).

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

Outra questão marcante foi a vinda de grupo japonês Hombo nas décadas de 1970/80. Esta empresa adquiriu a Fazenda Santo Antônio em Santana do Livramento criando a marca Santa Colina, com vinhos de apelo californianos (Flores, 2011). Destaca-se o plantio de uvas *Vitis Viníferas* na Campanha e especificamente em Santana do Livramento. Reforça esta questão a produção pela multinacional Seagram, na vinícola Almadén, na década de 1970. Inicia-se a caracterização do município “pela exploração empresarial de grandes áreas, nas quais são investidos valores expressivos em mão de obra e mecanização” (Flores, 2011, p. 51).

Assim, percebe-se que estes produtores de uva participam dessas políticas públicas de diversificação produtiva, aproveitando à visibilidade trazida pela cadeia produtiva do vinho instalada na Campanha Gaúcha, por empresas de vinhos finos. Convém destacar que entre os agricultores familiares de uva existem também aqueles que mantêm a produção com capital próprio, juntamente com apoio da EMATER, Instituições de Ensino e Pesquisa e Secretaria de Agricultura do Municípios. A comercialização da uva e dos produtos acontece localmente (Manfio, 2018, p. 88).

O papel da Vinícola Miolo na região é marcante, tendo, no ano de 2002, ultrapassado a marca de 4 milhões de litros de vinhos em suas unidades no Nordeste, no Vale do São Francisco e na Campanha (Susin, 2003). Observa-se que os investimentos iniciais na região de multinacionais contrapõem com os daqueles de origem na Serra Gaúcha. Diferença percebida também com a vinda de mão de obra especializada para o setor.

Em 2005, a Livramento Vinícola, então propriedade do grupo Hombo, com área de 450 he. (65 he. de cultivo), é adquirida pela Cooperativa Nova Aliança. No entanto, posteriormente a vinícola Almadén é adquirida pelo Grupo Miolo em 2009 (Flores, 2011). Ambas as empresas da Serra Gaúcha. Também dessa região, as Vinícolas Santon, Miolo e Anghebam, Lídio Carraro e Casa Valguda estendem para Bagé, Candiota e Encruzilhada do Sul, respectivamente (Triches, 2007, p. 82), suas áreas de cultivo. Muitos dessas, associam novas lógicas econômicas (César & Amorim, 2014, p. 12).

Desta maneira, cada vez mais empresas da Serra Gaúcha têm intensificado investimentos na produção vitivinícola na região da Campanha, como observado em 2010 com a constituição da Associação dos Produtores de Vinhos Finos da Campanha. “Aliado a isso, o processo de territorialização se configura, historicamente, em um movimento direcionado pela própria expansão do capitalismo, incluindo fatores culturais e envolvendo diferentes aspectos, lugares e pessoas” (Flores, 2011, p. 22).

A partir de 2009, inicia-se na Campanha sua consolidação como região vitivinicultora, situação que se consolida com a busca da Indicação Geográfica. Outro ponto importante é a formação de um eixo Serra Gaúcha-Campanha Gaúcha no processo que reforça a produção por empresas nacionais. Assim, se anteriormente recursos do empresariado estrangeiro foram marcantes, no período posterior é marcante a compra por empresas nacionais dessa região serrana, além da produção da vinícola de Galvão Bueno. A produção deste conhecido jornalista se faz em Candiota em propriedade vizinha ao grupo Miolo.

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

No caso específico da Campanha, as condições edafoclimáticas favoráveis aliadas ao preço mais barato da terra, atraíram, nos últimos anos, tradicionais produtores de vinhos da Serra Gaúcha como Miolo e Salton (Albert, 2012). Isto se deve a necessidade das empresas vitícolas da Serra Gaúcha em investir na expansão da área de produção e diversificações de vinhos (Manfio, 2018, p. 83).

Como dito anteriormente, atualmente observam-se dois cenários. A consolidação dessas empresas que se instalaram em anos anteriores, e o surgimento de novos produtores de uva e de vinhos na região, incentivados pelo aparente sucesso das gerações anteriores neste processo. Ao grande produtor, é visível a incorporação de novos atrativos para a recepção dos turistas, como, por exemplo, uma estrutura ferroviária dentro da empresa Miolo em Santana do Livramento.

CENÁRIO ATUAL E O ENOTURISMO

As oportunidades na região indicada neste estudo reforçam a necessidade de conexão a novos mercados nacional e internacional (Niederle, 2010). Essa premissa leva a investimentos em inovações que possibilitem a produção de vinhos de qualidade com valores competitivos, implementando novos vinhedos (Niederle, 2010; Manfio, 2018). Marca-se também a vinda de novos produtores vinculados à região da Campanha e do Vale do Rio Pardo.

Tais produtores assumem posições de técnicos nas empresas e possuem áreas próprias onde cultivam seus parreirais e a implantação dos vinhedos coincide com a fase de expansão. Além disso, o aumento na área plantada e número de propriedades também ocorre a partir de investimentos visando diversificação da produção por produtos locais e também nos assentamentos da reforma agrária (Flores, 2011, p. 54).

Agrega-se a visitação turística, como em Santana do Livramento, que já tem um turismo de compras consolidado. Junta-se a isso a iniciativa da Casa Valduga, com a vinícola uruguaia Bodegas Carrau, que também participa do processo de enoturismo com produção nos dois países.

Outro ponto a destacar é a formação da Rede de Centros de Inovação em Vitivinicultura, promovido pelo Bravin e ligado ao Sibratec (Sistema Brasileiro de Tecnologia), dentro do Ministério de Ciência e Tecnologia, operando com recursos da Finep (MTC, 2010). A rede está vinculada ao programa ‘rede de centros de inovação’ e tem objetivo de gerar cooperação entre instituições de pesquisa, em parceria com empresas, visando impulso ao desenvolvimento tecnológico e econômico para o setor (Flores, 2011, p. 63).

Observa-se também a crescente abertura de vinícolas ao público. Esta ação tem possibilitado a venda de produtos na vinícola, além da visitação turística no empreendimento e da formação de roteiro na área de cultivo da uva (Quadro 1).

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

Quadro 1

Vinícolas e vitícolas visitadas

Empreendimento	Município
Vinícola Almadén	Santana do Livramento
Salton	
Cordilheira de Santana	
Coop Nova Aliança	
Colina	
Vinícola Guatambu	
Peruzzo Vinhas e Vinhos	Dom Pedrito
Campos de Cima	Bagé
Moet Chandon	Itaqui
Vinícola Valduga	
Coop Nova Aliança	Encruzilhada do Sul

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

Este panorama inicial apresentado do capital multinacional e depois nacional tem novas questões agregadas. Assim, atualmente, empreendedores locais somam à produção de uva e vinho. Estes são, em sua maioria, produtores do setor da pecuária que agregaram a produção de cereais e destinam parte de suas propriedades para a produção de uva, diversificando suas atividades (Silveira, 2018, p. 97).

Destaca-se também um forte elo dos atores envolvidos na pesquisa com a região da Serra Gaúcha. Nesta questão alguns pontos são fundamentais. A sede da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) Uva e Vinho é na cidade serrana de Bento Gonçalves. Nota-se ainda que alguns proprietários pesquisados têm, como extensão de seus negócios, empresas nas duas regiões, o que soma fortes ligações sociais e institucionais entre ambas.

Análise e reconhecimento do objeto e suas possibilidades regionais

A abordagem de relações multiescalares, concernentes a localidades de prática de enoturismo, são dinâmicas adotadas como definidoras do objeto desta pesquisa. Inicialmente, reconhecem-se os atores sociais envolvidos nas transformações socioespaciais vinculadas à produção de uva e de vinho e a sua visitação turística. Posteriormente, faz-se levantamento de localidades com características geográficas, étnico-culturais e políticas que os assemelham, além de origens comuns. Entretanto, “a consideração do problema de escala faz nossa atenção voltar-se para a questão da escala ‘adequada’ em que se podem formular oposições” (Harvey, 2004, p. 117). Nesse sentido, a limitação de dados é eminente para a maior qualificação do objeto e de seus sujeitos.

Conforme apontado na metodologia, alguns pontos são fundamentais para a definição do panorama objetivado. Embora saiba-se da dificuldade da obtenção e da elaboração de dados na atividade turística no Brasil, tem-se a convicção de que aqueles disponíveis

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

possibilitam as indicações acerca do desenvolvimento regional da atividade de enoturismo.

Primeiramente, apresentam-se algumas questões obtidas na observação direta, em que se tem a percepção do crescimento na atividade vitícola. Atividade iniciada principalmente por grandes produtores no Sul do estado, e que tem atraído a atenção de médios e pequenos produtores. Conforme dito, observa-se a formação de novas vinícolas e, principalmente, de novos parreirais. A produção de uva torna-se uma realidade até mesmo em áreas de assentamento agrário na região.

Os dados identificados pelo MTur (Brasil, 2022) sustentam as condições de hierarquia dos municípios. Embora precisem de uma atualização, possibilita-se com estas informações dar uma clareza das áreas com relevante consolidação turística, fato reforçado na observação direta.

Tabela 1

Demanda turística, arrecadação turística e categorização hierárquica

Município	A	B	Arrecadação	Cluster
Bagé	274.902	1.639	R\$ 1.264.817,00	B
Sant'Ana do Livramento	175.810	5.256	R\$ 3.522.952,00	B
São Gabriel	114.291	28.062	R\$ 1.735.484,00	B
Santa Cruz do Sul	102.289	5.505	R\$ 2.254.033,00	B
Alegrete	93.745	1.421	R\$ 602.859,00	C
Caçapava do Sul	88.213	731	R\$ 166.276,00	C
Uruguaiana	67.243	14.090	R\$ 2.314.966,00	B
Rosário do Sul	49.939	4.385	R\$ -	C
Encruzilhada do Sul	23.124	0	R\$ -	D
Candelária	21.204	2.192	R\$ -	D
Rio Pardo	14.209	0	R\$ -	D
Itaqui	12.104	0	R\$ -	D
Candiota	11.556	312	R\$ -	D
Venâncio Aires	8.236	963	R\$ -	D
Dom Pedrito	2.525	1.042	R\$ -	D
Pântano Grande	2.236	2.580	R\$ -	D
Quaraí	2.236	366	R\$ -	D
Lavras do Sul	1.329	72	R\$ -	D
Sinimbu	0	122	R\$ -	D
Vera Cruz	0	75	R\$ -	D
Aceguá	0	75	R\$ -	D

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

Pinheiro Machado	0	0	R\$ -	D
Manoel Viana	0	0	R\$ -	D
Vale Verde	0	0	R\$ -	E
Santa Margarida do Sul	0	0	R\$ -	E
Barra do Quaraí	0	0	R\$ -	E
Mato Leitão	0	0	R\$ -	E

Legenda

(A) Quantidade de visitas estimada internacional

(B) Quantidade de visitas estimada nacional

Destaque os municípios estudados



Fonte: Brasil (2022).

Elencam-se, na Tabela 1, todos os municípios das regiões em questão. Assim, observa-se a inexistência de um forte destino indutor turístico (município categoria no Cluster A) embora Bagé e Santana do Livramento destaquem-se, assim como outros municípios - São Gabriel e Santa Cruz do Sul -, que não fazem parte deste estudo, se justificam por como ser sub-sede administrativa regional.

Tabela 2

Relação Emprego, meios de hospedagem, população e áreas

Município	Região Turística	(A)	(B)	População	Área (Km2)
Bagé	Pampa Gaúcho	124	12	117.938	4.090,36
Santana do Livramento	Fronteira	310	24	84.421	6.946,41
Uruguaiana	Fronteira	188	20	117.210	5.702,10
Rosário do Sul	Fronteira	54	7	36.630	4.343,66
Encruzilhada do Sul	Vale do Rio Pardo	12	4	23.819	3.347,86
Itaqui	Fronteira	14	5	35.768	3.406,61
Candiota	Pampa Gaúcho	8	3	10.710	933,628
Dom Pedrito	Pampa Gaúcho	30	5	36.981	5.194,051

(A) Quantidade de emprego no setor

(B) Quantidade de estabelecimento

Fonte: Brasil (2022); IBGE (2024).

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

Na Tabela 2 apontam-se somente os municípios em análise. Nela observam-se as respectivas populações, as áreas territoriais, além dos números de meios de hospedagem, identificados pelo sistema nacional (Cadastur), e de emprego registrados no setor (segundo a RAIS – Relação Anual de Informações Sociais do governo federal). Quanto à população, observa-se a inexistência de uma localidade com uma grande demanda potencial intrarregional. Destaca-se também o fato dos municípios terem grandes extensões territoriais.

Os dados do setor aéreo demonstram uma fragilidade no uso deste modal de transporte (Quadro 2). Dois pontos sustentam tal afirmativa: a formação da região por municípios não muito populosos; e a inexistência de atrativos específicos com um posicionamento no mercado internacional e nacional. Quando aos modais rodoviários, identifica-se que, embora os municípios tenham uma distância relativamente grande entre eles, dadas as suas grandes áreas territoriais, esses são servidos de estradas seguras e em uma região plana.

Quadro 2

Fluxo aéreo no Rio Grande do Sul – 2023

Partida	UF	Destino	UF	Passageiros
São Paulo	SP	Porto Alegre	RS	1.089.296
Porto Alegre	RS	Guarulhos	SP	840.654
Porto Alegre	RS	Campinas	SP	386.306
Rio de Janeiro	RJ	Porto Alegre	RS	330.742
Porto Alegre	RS	Brasília	DF	244.636
		S. J. dos		
Porto Alegre	RS	Pinhais	PR	231.951
Guarulhos	SP	Caxias do Sul	RS	73.584
Porto Alegre	RS	Confins	MG	71.626
Passo Fundo	RS	Guarulhos	SP	67.249
		Rio de		
Porto Alegre	RS	Janeiro	RJ	59.556
Porto Alegre	RS	Florianópolis	SC	53.827
Passo Fundo	RS	Campinas	SP	45.002
Santa Maria	RS	Porto Alegre	RS	38.678
Porto Alegre	RS	Santo Ângelo	RS	36.904
Campinas	SP	Caxias do Sul	RS	35.306
Uruguaiana	RS	Porto Alegre	RS	35.205
São Paulo	SP	Caxias do Sul	RS	34.241
Pelotas	RS	Porto Alegre	RS	30.927
Porto Alegre	RS	Foz de Iguaçu	PR	30.121
Recife	PE	Porto Alegre	RS	27.974
Pelotas	RS	Guarulhos	SP	20.560
Santo Ângelo	RS	Guarulhos	SP	15.123
Porto Alegre	RS	Joinville	SC	10.182

**ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE
DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO**

Salvador	BA	Porto Alegre	RS	6.136
Porto Alegre	RS	Navegantes	RS	5.815
Porto Seguro	BA	Porto Alegre	RS	5.453
Rio de Janeiro	RJ	Caxias do Sul	RS	5.199
Passo Fundo	RS	Florianópolis	SC	5.103
Rio de Janeiro	RJ	Caxias do Sul	RS	4.295
S. G. do Amarantes	CE	Porto Alegre	RS	3.103
Porto Alegre	RS	Fortaleza	CE	1.980
Porto Alegre	RS	Rio Largo	AL	1.958
Uruguaiana	RS	Santa Maria	RS	1.744
São Paulo	SP	Santa Maria	RS	1.551
Uruguaiana	RS	São Paulo	SP	1.461
São Paulo	SP	Passo Fundo	RS	905
Porto Alegre	RS	Bagé	RS	716
Porto Alegre	RS	Boa Vista	RR	660
		Campo		
Porto Alegre	RS	Grande	MS	653
Alegrete	RS	Porto Alegre	RS	650
Porto Alegre	RS	Manaus	AM	644
Santa Maria	RS	Florianópolis	SC	465
Uruguaiana	RS	Florianópolis	SC	418
Santa Rosa	RS	Porto Alegre	RS	414
Canela	RS	Porto Alegre	RS	381
Pelotas	RS	Florianópolis	SC	378
Santo Ângelo	RS	Florianópolis	SC	358
Porto Alegre	RS	Chapecó	SC	317
Passo Fundo	RS	Navegantes	SC	254
Santa Cruz do Sul	RS	Porto Alegre	RS	250
Florianópolis	SC	Caxias do Sul	RS	143
Uberlândia	MG	Pelotas	RS	140
Passo Fundo	RS	Porto Alegre	RS	98
Porto Alegre	RS	Goiânia	GO	97
		Várzea		
Porto Alegre	RS	Grande	MT	84
Porto Alegre	RS	Porto Alegre	RS	83
Santa Cruz do Sul	RS	Canela	RS	51
Passo Fundo	RS	Rio Janeiro	RJ	50
Pelotas	RS	Confins	MG	48
Soma				3.861.705

Fonte: Anac (2024).

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

Quanto os aspectos turísticos, nota-se que todos os municípios, com exceção de Candiota, têm uma oferta de meio de hospedagem, de alimentação, entre outros equipamentos e serviços compatíveis ao atendimento e ao crescimento das visitações.

Soma-se a realização de uma taxionomia sustentada na Teoria do Espaço Turístico (Boullón, 2015), possibilitando a identificação de valores hierárquicos e sua relação regional. Ao definir o confronto da teoria com uma natureza concreta, inicia-se a categorização das localidades. Nesta condição identifica-se a localidade por lógicas específicas ao turismo.

Dessa maneira, tem-se a seguinte caracterização encontrada: na área de estudo não se define uma Zona Turística, embora o eixo entre Santana do Livramento, Dom Pedrito e Bagé (com extensão a Candiota) apresente característica de uma Área Turística. É importante reforçar ainda que, dentro dela, Santana do Livramento e Bagé têm característica de Centro Turístico.

Fora deste eixo, Uruguaiana tem um posicionamento territorial turístico de Centro de Escala, considerando a sua relação de entrada da Argentina para outras localidades do país. Percepção também observada, em uma menor escala, em Santana do Livramento. A Unipampa, como universidade do governo federal, se institui como formadora de profissionais de capacidade e expertise diversas. Assim, entre suas formações, destacam-se seus cursos de formação superior em Enologia e em Turismo, entre outras formações de graduação e pós-graduação. Reforça-se que nela se tem um compromisso de desenvolvimento da região Sul do estado do Rio Grande do Sul e, principalmente, da região em questão.

Entretanto, duas debilidades são evidentes: o curso de turismo está do Município Jaguarão (RS), distanciado geográfica e socialmente da problemática; e os gestores e docentes do curso de Enologia não demonstram interesse em ter um diálogo institucional e pessoal com os especialistas de área de Turismo.

CONCLUSÃO

A ‘trajetória’ evoca um movimento, mas resulta ainda de uma projeção sobre o plano, uma redução. Trata-se de uma transcrição. Um gráfico (que o olho pode dominar) é substituído por uma operação: uma linha reversível (que se pode se ler nos dois sentidos) dá lugar a uma série temporal irreversível; um traço, a atos. Prefiro então recorrer a uma distinção entre táticas e estratégias (Certeau, 2011, p. 45)

Nota-se a presença de capital econômico e social na região em análise. Destaca-se a esta questão a qualidade ambiental do solo, que tem sustentado a produção de vinho. Soma-se a uma forte gastronomia regional e à oferta dos meios de hospedagem com capacidade ociosa nos dias não comerciais.

A presença de atores/agentes de influência e abrangência regional torna-se condição decisiva para a qualificação da região. Observa-se, principalmente no eixo formado entre Santana do Livramento, Dom Pedrito, Bagé e Candiota, recursos territoriais

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

vitivinícolas para consolidação de um polo de enoturismo. Entretanto, acredita-se que para tal situação torna-se importante estabelecer políticas de incentivo para o setor vitícola e vinícola; determinar mais valores monopolísticos à produção vinícola, assim como ao turismo; integrar produtos vinícolas e turísticos a mercados emergentes nacional e globais; reforçar a malha rodoviária e principalmente a aerooviária da região, com apelo a Santana do Livramento; e aproximar a Unipampa das problemáticas do enoturismo, incentivando a promoção de mão de obra qualificada.

Espera-se que este estudo colabore para o desenvolvimento do enoturismo no País e, principalmente, no Rio Grande do Sul. As atuais catástrofes ambientais, que tem assolado o estado não poderiam deixar de ser lembradas nesta pesquisa. Espera-se contribuir para o desenvolvimento e a reconstrução desta unidade federativa.

REFERÊNCIAS

- Anac. (2024). Relatório de demanda e oferta Rio Grande do Sul. Resumo geral 2023. <https://www.gov.br/anac/pt-br/assuntos/dados-e-estatisticas/mercado-do-transporte-aereo/demandas-e-ofertas>
- Benko, G. (2009). Economia urbana e regional na virada do século. In. M. T. F. Ribeiro & C. R. S. Milani. Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea (pp. 115-150). Salvador: Edufba.
- Boullón, R. C. (2015). Planificación del espacio turístico (5a ed). México: Trillas.
- Brandão, C. (2009). Desenvolvimento, territórios e escalas espaciais: Levar na devida conta as contribuições da economia, política e geografia crítica para construir uma abordagem interdisciplinar. In. M. T. F. Ribeiro & C. R. S. Milani. Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea (pp. 151-186). Salvador: Edufba.
- Brasil. Ministério do Turismo. (2022). Categorização dos municípios turísticos: 2019. Brasília: Portal brasileiro de dados abertos. https://dados.gov.br/dataset/categorizacao_2021
- Brenner, E. & Castro, J. (jun. 1986) A nova fronteira dos vinhos de Palomas. Revista Geográfica Universal, 40, 67-72.
- César, P. de A. B. & Amorim, E. M. C. (2014). Formação econômica e espacial da produção de uvas e vinhos na Serra Gaúcha (RS) como pressuposto ao enoturismo. In: Anais XI Seminário ANPTUR, 2014, Fortaleza, CE.
- César, P. A. B. (2018). Configuração físico-territorial do setor metalomecânico da Serra Gaúcha e sua relação com o turismo: estudo de Caxias do Sul (RS). Revista Ateliê do Turismo, v. 1, p. 67-88, 2018. <https://zenodo.org/records/8335621>
- Diniz, C. C. & Crocco, M. (Orgs). (2006). Economia regional e urbana. Contribuições teóricas recentes. Belo Horizonte: Edufmg.
- Diniz, C. C. (jul. 2004). Experiência francesa de planejamento. In. Diretrizes para a formulação de políticas de desenvolvimento regional e de ordenação territorial brasileiro. Relatório Cedeplar. Belo Horizonte: Face/Dedeplar-Ufmg.
- Certeau, M. (2011). A invenção do cotidiano: Arte de fazer. Petropolis, RJ: Vozes.
- César, P. de A. B. (maio, 2014). El Proyecto Turis. Orígenes de la planificación del turismo en Brasil. Estudios y Perspectivas en Turismo, 23(2), 233-249. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180730867002>

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

- Flores, L. P. (2011). Acompanhamento e gestão da produção de uvas viníferas na Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul. Monografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Gomes, P. C. da C. (2013). O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Gonçalves, F. (2016). Campanha tem se fortalecido como destino enoturístico no Estado. Jornal Zero Hora. Caderno Viagem, Porto Alegre. <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/viagem/noticia/2016/12/campanha-tem-se-fortalecido-como-destino-de-enoturismo-no-estado-8626366.html>
- Haesbaert, R. (2010). Regional-global: dilemas da região e da regionalização na Geografia Contemporânea. Rio de Janeiro: Berthand.
- Harvey, D. (2004). Espaços de esperança. São Paulo: Loyola.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2024). Cidades@. <https://cidades.ibge.gov.br/>
- Jeziorny, D. L. (2009). Território Vale dos Vinhedos: instituições, indicações geográficas e singularidades na vitivinicultura da Serra Gaúcha. Dissertação (mestrado).PPGE/UFU, Uberlândia, MG, Brasil
- Manfio, V. (2018). Vitivinicultura e associativismo: a dinâmica da associação vinhos da campanha na formação de um Território no Rio Grande do Sul, Brasil. Tese de Doutorado, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Martins, W. M. & Sampaio, N. V. (2011). Paralelo 31º Sul. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, Unipampa, Bagé, RS, Brasil, 3. <http://seer.unipampa.edu.br/index.php/siepe/issue/view/45>
- Niederle, P. A. (jul. 2010). As associações de produtores no desenvolvimento do setor vitivinícola da Serra Gaúcha: um projeto de qualificação e uma necessidade de diversificação. Anais Congresso Sober, Campo Grande, MS, Brasil, 48.
- Petrocchi, M. (2001). Gestão de Pólos Turísticos. São Paulo: Futura.
- Rojas, A. V. (2007). Observar el turismo: Observación participante y no participante. In. J. G. Brito (org.). La investigacion social del turismo: perspectivas y aplicaciones. Madri: Thompson, pp. 119-132.
- Ruiz, R. M. (jun. 2004). Desenvolvimento econômico e político regional na China. In. Diretrizes para a formulação de políticas de desenvolvimento regional e de ordenação territorial brasileiro. Relatório Cedeplar. Belo Horizonte: Face/Dedeplar-UFMG.
- Santos, C. M. (2017). Desempenho agronômico da videira 'Marselan' sob diferentes tipos de poda na Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul. Dissertação de Mestrado. UFPel, Pelotas, RS, Brasil
- Santos, M. (2004). Por uma Geografia nova: da Crítica da Geográfica a uma Geografia Crítica (6a ed). São Paulo: Edusp.
- Silveira, M. B. da. (2018). Marketing de lugares como promotor do desenvolvimento territorial: análise nas empresas vitícolas e vitivinícolas da região da Campanha Gaúcha. Dissertação de Mestrado, Unipampa, Santana do Livramento, RS, Brasil.
- Soriano, R. R. (1998). Investigación social: teoria y praxi (9a ed). México: Plaza y Valdes.
- Susin, C. T. (2003). Dinâmica estratégica da vinícola Miolo Ltda e o Vale dos Vinhedos. Dissertação de Mestrado, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

ENOTURISMO NA FRONTEIRA SUL DO RIO GRANDE DE SUL: POLO DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO

- Tomazzoni, E. L. (2009). Turismo e desenvolvimento regional: dimensões, elementos e indicadores. Caxias do Sul: Educs.
- Triches, V. (2007). Competitividade da cadeia produtiva viti-vinícola do RS. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, SC, Brasil.
- Vieira Santos, J. C. (2013). Região e destinos turístico: sujeitos sensibilizados na geografia do lugar. São Paulo: All print.
- Yázigi, E. (2009). Saudade do futuro: por uma teoria do planejamento territorial do turismo. São Paulo: Pléiade.

INFORMAÇÃO (ÕES) DO (S) AUTOR (ES)

*1 Doutor em Geografia (USP) com Estágio Pós Doutoral em História. Mestre em Turismo (Unibero) e Arquiteto e Urbanista (Unitau). Pesquisador vinculado ao IFSP campus Campos do Jordão, com bolsa produtividade CNPQ e bolsa Pesquisador Gaúcho Fapergs. E-mail: pedrotur@alumni.usp.br

REVISTA CIENTÍFICA ATELIÊ DO TURISMO – VINCULADA A



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE MATO GROSSO DO SUL**